

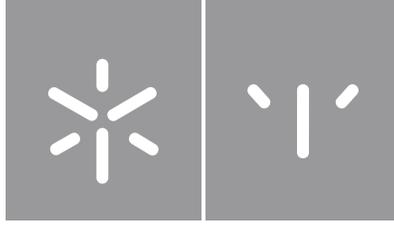


**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Elsa Maria Lopes Rodrigues

**Experiências adversas e comportamentos  
de risco: o papel da perspetiva temporal e  
expectativas**





**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Elsa Maria Lopes Rodrigues

**Experiências adversas e comportamentos  
de risco: o papel da perspectiva temporal e  
expetativas**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Psicologia

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Paula Cristina Martins**

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### ***Licença concedida aos utilizadores deste trabalho***



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**

**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Paula Cristina Martins por toda a disponibilidade, atenção, ensino e orientação ao longo do desenvolvimento da Dissertação.

Às Casas de Acolhimento que aceitaram fazer parte deste projeto de investigação e que tão bem me receberam.

Aos jovens residentes nas Casas de Acolhimento pois sem a sua participação esta investigação não teria sido possível.

Às minhas colegas da Universidade por todo o apoio e acompanhamento ao longo destes cinco anos de aprendizagem.

Aos meus amigos que sempre me acompanharam e apoiaram ao longo de todo o percurso universitário e principalmente durante este último ano mais exigente.

Ao Rui por ser o meu companheiro de vida e o meu grande apoio em todos os momentos, em especial nos mais difíceis ao longo deste último ano.

À minha família, em especial aos meus pais por todos os ensinamentos de vida e por tudo fazerem para que os meus sonhos se realizem e à minha irmã querida.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 04 de Junho de 2019

Assinatura: ELSA Maria Lopes Rodrigues

## Experiências adversas e comportamentos de risco: o papel da perspectiva temporal e expectativas

### Resumo

Os adolescentes em acolhimento residencial apresentam maior risco de envolvimento em comportamentos de risco do que os pares de contextos normativos, sendo que as experiências adversas aumentam o risco de envolvimento nesses comportamentos. Por outro lado, a perspectiva temporal adquire maior significado na adolescência, principalmente a dimensão futura onde se inclui a formação de expectativas. Este estudo averiguou o papel que a perspectiva temporal, particularmente a orientação para o futuro e as expectativas, desempenham na relação entre as experiências adversas dos adolescentes em acolhimento e o envolvimento em comportamentos de risco. Teve como participantes 57 jovens residentes em casas de acolhimento, com idades compreendidas entre 13 e 18 anos. Foram utilizadas medidas das experiências adversas, comportamentos de risco, expectativas e perspectiva temporal. A orientação futura e as expectativas não desempenharam um papel moderador na relação entre as experiências adversas e os comportamentos de risco. Verificou-se ainda uma orientação predominante dos jovens para o presente hedonista e para o passado negativo e que as suas expectativas positivas de bem-estar ultrapassam as expectativas familiares e académicas. Estes resultados contribuem para uma melhor compreensão acerca do impacto da perspectiva temporal e expectativas nos comportamentos de risco de jovens com história de experiências adversas.

*Palavras-chave:* acolhimento residencial, comportamentos de risco, experiências adversas, expectativas, perspectiva temporal

## Adverse experiences and risk behaviors: the role of time perspective and expectations

### Abstract

Adolescents in residential care are at greater risk of engaging in risk behaviors than peers living in normative contexts, and adverse experiences increase the risk of involvement in these behaviors. On the other hand, the time perspective acquires greater significance in adolescence, especially the future dimension where the formation of expectations is included. This study investigated the role that the time perspective, particularly the orientation towards the future and expectations, play in the relationship between the adverse past experiences of adolescents in residential care and the involvement in risk behaviors. Participants included 57 youths living in foster homes, aged between 13 and 18 years. Measures of adverse experiences, risk behaviors, expectations and time perspective were used. The future orientation and expectations did not play a moderating role in the relationship between adverse experiences and risk behaviors. There was also a predominant orientation of adolescents to the hedonistic present and to the negative past and that their positive expectations of well-being surpassed family and academic expectations. These results contribute to a better understanding of the impact of the time perspective and expectations on the risk behaviors of young people with a history of adverse experiences.

*Keywords:* adverse experiences, expectations, residential care, risk behaviors, time perspective

## Índice

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros .....	ii
Agradecimentos .....	iii
Declaração de Integridade .....	iv
Resumo .....	v
Abstract .....	vi
Experiências adversas e comportamentos de risco: o papel da perspectiva temporal e expetativas .....	8
Método .....	14
Participantes .....	14
Instrumentos .....	14
Procedimento .....	17
Procedimento de Análise de Dados .....	17
Resultados .....	18
Discussão .....	23
Referências .....	27
Anexo .....	34

## Índice de Tabelas

Tabela 1 - Índice total de adversidade dos jovens .....	18
Tabela 2 - Categorias de experiências adversas reportadas pelos jovens .....	19
Tabela 3 - Correlações de <i>Spearman</i> entre as variáveis risco e adversidade .....	19
Tabela 4 - Análise de regressão múltipla hierárquica para predição do envolvimento em comportamentos de risco .....	20
Tabela 5 - Correlações de <i>Pearson</i> entre as variáveis perspectiva temporal, expetativas e risco .....	22
Tabela 6 - Testes <i>T-Student</i> e <i>Mann-Whitney</i> para as variáveis perspectiva temporal e expetativas em função do sexo .....	23

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Experiências adversas e comportamentos de risco: o papel da perspectiva temporal e expectativas

A adolescência constitui um período do desenvolvimento no qual ocorrem mudanças físicas/biológicas, relacionadas com a puberdade, assim como comportamentais e sociais. Apesar das alterações cognitivas significativas que ocorrem durante a fase da adolescência, que envolvem os processos mentais subjacentes à tomada de decisão lógica e responsável, os jovens parecem mais predispostos a exibir comportamentos influenciados emocionalmente e que conduzem a uma desconsideração pelos possíveis riscos e consequências dos mesmos (Dahl, 2004). Assim, em comparação com outras fases do desenvolvimento, a adolescência é um período propício para um maior envolvimento em comportamentos de risco (Galvan, Hare, Voss, Glover, & Casey, 2007; Irwin, Burg, & Cart, 2002). Estes podem ser definidos pelo envolvimento em atividades passíveis de comprometer física e mentalmente o seu bem-estar e saúde (Feijó & Oliveira, 2001). O envolvimento nesse tipo de comportamentos está associado com a antecipação de potenciais consequências positivas e negativas, tendendo os adolescentes a considerar resultados positivos imediatos associados a alguns comportamentos, que na sua visão superam as consequências negativas que podem ocorrer a longo prazo (Galvan et al., 2007). Entre os comportamentos de risco mais relatados na literatura estão o consumo de álcool, de tabaco, uso de drogas, relações sexuais desprotegidas, comportamentos suicidas/autodestrutivos e de delinquência (Zuckerman, 2007). Ainda assim, é importante perceber a distinção entre comportamentos de risco associados a transições normativas do desenvolvimento, que envolvem experiências adaptativas, e aqueles que se tornam problemáticos, comprometendo o desenvolvimento normal do adolescente.

Na adolescência, a influência dos pares é um forte preditor para o início de alguns comportamentos de risco, como o consumo de álcool e tabaco (Kinard & Webster, 2010). O efeito do grupo de pares está associado a características de reputação, como a agressividade e a emocionalidade, à preocupação com a imagem e identidade social e ainda à necessidade de aceitação pelos pares (Engels, Scholte, van Lieshout, de Kemp, & Overbeek, 2006; Spijkerman, Van den Eijnden, Overbeek, & Engels, 2007; Steinberg & Morris, 2001). Outra influência para o início de comportamentos de risco é a qualidade das relações parentais. Em ambientes familiares onde os conflitos e o *stress* são constantes existe uma probabilidade maior de os jovens exibirem comportamentos de risco (Telzer, Gonzales, & Fuligni, 2014), assim como em contextos onde existe pouca coesão familiar (McCormick, Qu, & Telzer, 2016).

No que diz respeito à prevalência dos comportamentos de risco, de acordo com a Direção Geral de Saúde, os dados de 2015 do SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Dependências) mostram que em Portugal 20.1% dos adolescentes com 13 anos tiveram um consumo de bebidas alcoólicas nos últimos 12 meses e um aumento na percentagem de consumo com o avançar da idade desde os 14 aos 18 anos. No que refere ao consumo de drogas, em 2015, 2.7% dos jovens com 13 anos consumiram substâncias ilícitas, porém é nas idades entre os 17 e 18 anos que o consumo tem aumentado ao longo dos últimos anos. Relativamente ao consumo de tabaco, 14.1% dos jovens com 13 anos admitiram já ter fumado, tendo 1.9% destes consumido o primeiro cigarro antes dos 10 anos, 10.9% entre os 10 e os 12 anos e 1.3% aos 13 anos (DGS, 2018).

### **Comportamentos de risco dos adolescentes em acolhimento residencial**

De acordo com a literatura, os adolescentes em regime de acolhimento envolvem-se com maior intensidade e frequência em comportamentos de risco do que os pares que vivem em contextos normativos (Fettes, Aarons, & Green, 2013; Grogan-Kaylor, Ruffolo, Ortega, & Clarke, 2008; Maclean, Sims, O'Donnell, & Gilbert, 2016). Os comportamentos de risco predominantes nos adolescentes em acolhimento englobam quatro domínios, nomeadamente a delinquência, a sexualidade, comportamentos autodestrutivos/suicídio e o abuso de substâncias (Garrido, Weiler, & Taussig, 2018; Leslie et al., 2010; Pinto & Maia, 2013). Na investigação de Leslie e colaboradores (2010), 46.3% dos jovens em regime de acolhimento indicaram envolver-se em pelo menos um comportamento de risco dentro dos domínios referidos anteriormente.

Os comportamentos de risco dos adolescentes podem tornar-se problemáticos pelas suas repercussões no futuro, contribuindo para as principais causas de morbilidade e mortalidade na idade adulta (Kann et al., 2014). Assim, os estudos salientam a importância de serem realizadas intervenções preventivas precoces, aproveitando a flexibilidade dos jovens como uma característica que os torna alvos ideais para a implementação de programas de prevenção com o objetivo de promover o desenvolvimento adequado e positivo.

### **Experiências de adversidade e comportamentos de risco na adolescência**

A precocidade de experiências de adversidade repetidas e continuadas associa-se ao desenvolvimento de problemas comportamentais e emocionais graves (Éthier, Lemelin, & Lacharité, 2004). As categorias de experiências adversas identificadas na literatura englobam o abuso emocional, físico e sexual, a negligência emocional e física, o divórcio ou separação parental, a exposição a violência doméstica, o abuso de substâncias no ambiente familiar, doença mental ou suicídio na família e prisão de um membro do agregado familiar (Dube et al., 2003). Experimentar uma destas categorias de adversidade, aumenta duas a quatro vezes a probabilidade de início do consumo de drogas, e aumenta o risco de consumo na idade adulta (Dube et al., 2003). Também a experiência de múltiplas adversidades

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

se traduz no início do consumo de álcool antes dos 18 anos (Rothman, Bernstein, & Strunin, 2010), estando ainda associada ao autorrelato de problemas relacionados com o consumo de álcool na fase adulta (Strine et al., 2012). Do mesmo modo, adolescentes vítimas de maus tratos na infância estão em maior risco de praticar atos violentos, assim como de vir a perpetrar violência sobre o parceiro na idade adulta (Fang & Corso, 2007). A exposição a vários tipos de experiências de adversidade na infância não só aumenta a probabilidade de envolvimento em comportamentos sexuais de risco na idade adulta (Rodgers et al., 2004), mas também aumenta a prevalência de doenças sexualmente transmissíveis entre os adultos (Hillis, Anda, Felitti, Nordenberg, & Marchbanks, 2000).

No que se refere aos jovens em acolhimento residencial, as suas experiências adversas estão associadas a maior envolvimento em comportamentos de risco, entre os quais o uso de substâncias e atos delinquentes (Brown & Shillington, 2017), bem como comportamentos de violência (Garrido et al., 2018). Além disto, os relatos de abuso físico estão associados a maior envolvimento dos jovens em atos delinquentes e relatos de negligência relacionados com elevado abuso de substâncias (Taussig, 2002).

De acordo com o Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens, no ano de 2017, as situações de perigo predominantes que estiveram na origem da situação de acolhimento foram a negligência (71%); outras situações referentes à ausência temporária de suporte familiar, aos comportamentos desviantes, ao abandono, entre outros (13%); situações de mau trato psicológico (9%); maus tratos físicos (4%) e os abusos sexuais (3%). Assim, a literatura tem mostrado que os jovens em acolhimento residencial são mais expostos a experiências de negligência física comparativamente a jovens que vivem em contexto normativo, assim como relatam elevado abuso de substâncias nos seus contextos familiares (Pinto & Maia, 2013). Do mesmo modo, uma investigação realizada por Stambaugh e colaboradores (2013), verificou que 68% dos adolescentes em situação de acolhimento residencial tinham sofrido quatro ou mais experiências adversas na infância.

### **Perspetiva temporal na adolescência**

A perspetiva temporal constitui um aspeto básico da experiência subjetiva individual, com implicações a nível cognitivo, comportamental e afetivo (Bonniwell & Zimbardo, 2004). Na literatura, o conceito de perspetiva temporal é amplamente utilizado para descrever o processo cognitivo-motivacional pelo qual os indivíduos utilizam o passado, presente e futuro para atribuírem significado e coerência às experiências de vida pessoal e social (Zimbardo & Boyd, 1999).

A dimensão do passado engloba o passado negativo, que reflete uma visão aversiva em função de eventos traumáticos passados, estando associado com sentimentos de depressão, ansiedade e baixa autoestima, e o passado positivo que traduz uma atitude agradável e sentimental face a memórias

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

passadas, relacionando-se com elevada autoestima e bem-estar (Zimbardo & Boyd, 1999). O passado negativo está associado positivamente a comportamentos de ingestão alimentar compulsiva e consumo de álcool (Laghi, Liga, Baumgartner, & Baiocco, 2012). Pelo contrário, o passado positivo relaciona-se com menor envolvimento em comportamentos sexuais de risco e menor frequência de consumo de álcool (Zimbardo & Boyd, 1999).

Para a dimensão do presente, inclui-se o presente hedonista, relacionado com a procura de novas sensações e experiências de risco e pouca preocupação com as consequências futuras, e o presente fatalista que representa uma atitude de desesperança perante o presente, relacionada com sentimentos de depressão, ansiedade e raiva. No que diz respeito à perspetiva de presente hedonista, há uma relação com o maior consumo de álcool e tabaco, uso de drogas e envolvimento em comportamentos sexuais de risco (Hall, Holmqvist, & Sherry, 2004; Henson, Carey, Carey, & Maisto, 2006; Wills, Sandy, & Yaeger, 2001). O presente hedonista é ainda um forte preditor dos comportamentos de risco no sexo feminino (Henson et al., 2006). Por outro lado, a perspetiva de presente fatalista está associada ao consumo regular de tabaco, menor frequência de uso de cinto de segurança e menor envolvimento em práticas sexuais seguras no sexo masculino (Henson et al., 2006).

Por fim, a dimensão do futuro, associada ao planeamento de objetivos e expectativas a longo prazo, constitui um preditor do menor envolvimento em comportamentos de risco, como o uso de drogas, consumo de álcool e de tabaco (Barnett et al., 2013; Henson et al., 2006; Robbins & Bryan, 2004).

A perspetiva temporal adquire um significado importante durante a adolescência. Deste modo, os jovens atribuem maior importância à dimensão futura, onde se inclui a formação de expectativas de concretização de objetivos futuros (Laghi, D'Alessio, Pallini, & Baiocco, 2009). As expectativas podem ser definidas como crenças relativamente à probabilidade de um evento específico ocorrer no futuro (Oettingen & Mayer, 2002). A capacidade de criar expectativas positivas, nomeadamente expectativas de trabalho futuro, família, saúde e participação na comunidade (McWhirter & McWhirter, 2008) constitui um aspeto importante da identidade dos jovens. Desta forma, aqueles que não são capazes de criar expectativas positivas estão em maior risco de se envolverem no momento presente numa variedade de comportamentos problemáticos (Lens, Paixão, Herrera, & Grobler, 2012) com consequências negativas para a saúde e bem-estar (Prince et al., 2016).

Na literatura é possível verificar que as expectativas positivas estão associadas negativamente com indicadores de comportamentos de risco, nomeadamente a delinquência (Clinkinbeard, 2014; Chen & Vazsonyi, 2011; Mahler, Simmons, Frick, Steinberg, & Cauffman, 2017; Sipsma, Ickovics, Lin, & Kershaw, 2012), comportamentos violentos (Birnbaum et al., 2003; Stoddard, Zimmerman, &

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Bauermeister, 2011), uso de álcool (Robbins & Bryan, 2004; Zimbardo & Boyd, 1999), uso de drogas (Knight, Ellis, Roark, Henry, & Huizinga, 2017; Robbins & Bryan, 2004; Sipsma et al., 2012) e comportamentos sexuais de risco (Sipsma, Ickovics, Lin, & Kershaw, 2015; Sipsma et al., 2012). Do mesmo modo, as expectativas positivas constituem um fator protetor significativo que reduz o efeito da impulsividade, um fator de risco para o envolvimento em comportamentos transgressivos, já que adolescentes mais impulsivos estão mais predispostos a exibir uma conduta desviante (Chen & Vazsonyi, 2011).

A literatura anteriormente descrita baseia-se maioritariamente em amostras de adolescentes de contextos normativos, havendo pouca literatura relativamente à perspetiva temporal e expectativas de adolescentes em acolhimento residencial. Assim, destacam-se as investigações de Lima (2013) e de Morsanyi e Fogarasi (2014) com jovens em regime de acolhimento. Lima (2013) verificou que os adolescentes portugueses apresentam dificuldade em delinear planos para o seu futuro, baseando os seus projetos relatados principalmente naquilo que lhes assegura as condições básicas de subsistência, como ter um emprego e uma casa. Neste estudo, não foram encontradas diferenças na atenção dada pelos sujeitos aos diferentes momentos temporais. Já na investigação de Morsanyi e Fogarasi (2014) os adolescentes sujeitos a esta medida estavam mais orientados para o passado negativo, para o presente fatalista e o presente hedonista do que os que viviam em contexto familiar normativo. Porém, em relação à dimensão futura não foram encontradas diferenças entre os grupos, já que ambos estavam orientados para o futuro.

Segundo o Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens, no ano de 2017, muito mais de metade (71%) da população acolhida em Lares de Infância e Juventude encontrava-se na fase da adolescência ou início da idade adulta. Para os adolescentes com medida de acolhimento é muito importante a concretização do seu projeto de vida, tendo o projeto autonomização uma predominância de 97% para o grupo etário dos 12 aos 20 anos (ISS, 2018).

No que diz respeito ao projeto de vida autonomização, este tem como objetivo a vida independente para os jovens em que a reunificação familiar ou outra solução familiar não são viáveis. Assim, através da implementação de programas de intervenção as instituições de acolhimento procuram promover a autonomia dos jovens, salientando-se aqui a definição de um futuro autónomo. Para que seja proporcionada uma transição bem-sucedida para a idade adulta, é crucial que na intervenção com os jovens seja incluído o desenvolvimento de expectativas e objetivos para o futuro, competências pessoais de exploração de interesses futuros e as condições necessárias para que possam tomar decisões sensatas após a saída da instituição de acolhimento (Lima, 2013).

### **Objetivos e Hipóteses do estudo**

Da revisão de literatura decorre que as experiências passadas de adversidade de adolescentes em acolhimento residencial predizem o envolvimento em comportamentos de risco (Brown & Shillington, 2017; Garrido et al., 2018), que a orientação para o futuro prediz o menor envolvimento neste tipo de comportamentos (Barnett et al., 2013; Henson et al., 2006; Robbins & Bryan, 2004), assim como as expectativas positivas (Clinkinbeard, 2014; Robbins & Bryan, 2004; Knight et al., 2017; Sipsma et al., 2015). Por outro lado, verifica-se na literatura uma escassez de investigação acerca da perspetiva temporal dos adolescentes em acolhimento residencial e das suas implicações para o seu comportamento de risco. Não existe igualmente conhecimento consolidado sobre o impacto que a orientação futura e as expectativas podem exercer na relação entre as experiências adversas, predominantes nos adolescentes em acolhimento, e o seu envolvimento em comportamentos de risco.

Uma vez que a relação entre as experiências adversas e o comportamento de risco dos jovens em acolhimento está bem documentada na literatura (Brown & Shillington, 2017; Garrido et al., 2018), é importante investigar variáveis moderadoras presentes nesta relação, de modo a obter uma melhor compreensão dos mecanismos pelos quais as experiências de adversidade podem conduzir a trajetórias comportamentais de risco.

Com base na evidência de que os programas focados no desenvolvimento de expectativas e objetivos futuros trazem benefícios ao desenvolvimento positivo dos jovens e à transição bem-sucedida para a idade adulta (Catalano, Berglund, Ryan, Lonczak, & Hawkins, 2004; Stoddard et al., 2011), esta investigação procura ter implicações no sentido de ajudar a identificar o possível benefício de incluir a dimensão futura da perspetiva temporal e as expectativas relacionadas, nos programas de intervenção psicoeducacional das instituições de acolhimento, desenvolvidos com o objetivo de reduzir o envolvimento dos jovens em comportamentos de risco.

Assim, o objetivo deste estudo consiste em averiguar o papel que a perspetiva temporal, particularmente a orientação para o futuro e as expectativas desempenham na relação entre as experiências adversas passadas dos adolescentes em acolhimento residencial, e o envolvimento em comportamentos de risco. Também se pretende analisar se os jovens em acolhimento possuem uma orientação preferencial para uma ou mais dimensões temporais (passado, presente e futuro) e ainda explorar o tipo de expectativas predominantes nos jovens acolhidos, de entre as expectativas académicas, económicas, familiares e de bem-estar. Com base nos objetivos propostos para este estudo, formulam-se as seguintes hipóteses: 1) Há uma associação positiva significativa entre o índice total de adversidade e a pontuação total de comportamentos de risco; 2) Há um efeito moderador da orientação futura e das

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

expetativas na relação entre as experiências adversas e os comportamentos de risco; 3) Os adolescentes em acolhimento residencial estão significativamente mais orientados: (1) para o presente hedonista do que para o futuro; (2) para o passado negativo do que para o passado positivo; 4) Os adolescentes em acolhimento residencial possuem expetativas de bem-estar pessoal mais positivas: (1) em comparação com as expetativas familiares; (2) em comparação com as expetativas académicas; 5) Os adolescentes mais orientados para o presente hedonista têm um maior envolvimento em comportamentos de risco; 6) Os adolescentes mais orientados para o futuro têm um menor envolvimento em comportamentos de risco; 7) Os adolescentes mais orientados para o passado negativo têm um maior envolvimento em comportamentos de risco; 8) Possuir expetativas mais positivas associa-se significativamente com o menor envolvimento em comportamentos de risco.

### **Método**

#### **Participantes**

O grupo de participantes, selecionados mediante um método de amostragem intencional, foi constituído por 57 jovens (32 do sexo feminino e 25 do sexo masculino) portugueses, com idades compreendidas entre 13 e 18 anos ( $M = 15.53$ ,  $DP = 1.57$ ) e nível de escolaridade entre o 5º ano e o 12º ano. Os jovens foram selecionados de cinco Lares de Infância e Juventude do distrito de Braga e um Centro de Acolhimento Temporário do distrito do Porto. Não foram incluídos na amostra jovens com deficiência intelectual ou alguma necessidade educativa especial que pudesse dificultar a compreensão dos itens dos questionários, bem como o seu preenchimento.

#### **Instrumentos**

**Questionário da História de Adversidade na Infância (Felitti et al., 1998; Versão Portuguesa de Silva & Maia, 2008).** Questionário de autorrelato que avalia a ocorrência de experiências adversas na infância. A versão portuguesa reduzida solicita que, em 17 questões, os participantes considerem experiências ocorridas até aos 16 anos, relativas a 10 categorias de experiências adversas divididas em duas áreas: experiências em que a criança é vítima direta (abuso emocional, físico e sexual e negligência física e emocional) e experiências integradas num contexto familiar disfuncional (abuso de substâncias no ambiente familiar, doença mental ou suicídio na família, prisão de um membro da família, violência doméstica contra a figura materna e divórcio ou separação parental). Os itens são de resposta dicotómica “Sim” / “Não”. O instrumento permite fazer o cálculo total de experiências de adversidade na infância (Índice Total de Adversidade), que pode variar de zero (quando não há relato de qualquer experiência adversa) a 10 (quando existe relato de adversidade de todos os tipos). O questionário apresenta boa fiabilidade ( $\alpha = 0.80$ ).

**Inventário de Perspetiva Temporal de Zimbardo (IPTZ; Zimbardo & Boyd, 1999; Versão Portuguesa de Ortuño & Gamboa, 2009).** Escala multidimensional constituída por 56 itens de tipo *Likert* de 5 pontos (1 = Nada, 3 = Nem muito nem pouco, 5 = Totalmente). A versão reduzida composta por 25 itens foi utilizada por existir evidências de bons resultados relativamente à fiabilidade (Ortuño, Janeiro, Cordeiro, Paixão, & Gamboa, 2017). Os itens da escala representam afirmações relativas a crenças, preferências e valores, sendo solicitado ao participante que responda em que medida cada afirmação é verdadeira para si. É composta por 5 fatores: *Passado Negativo*, apresenta uma visão aversiva e negativa em consequência de experiências passadas desagradáveis ou traumáticas; *Passado Positivo*, reflete uma atitude agradável e sentimental em relação ao passado; *Presente Hedonista*, indica uma forte tendência para as sensações e prazeres do momento, através de experiências de risco e pouca preocupação com as consequências futuras; *Presente Fatalista*, revela uma atitude de desesperança e desalento face à vida, relacionada com sentimentos de depressão, ansiedade e raiva; *Futuro*, aponta para um comportamento orientado pela prossecução de objetivos futuros e recompensas. Quanto maior o valor obtido em cada uma das dimensões da escala, maior é a tendência do participante possuir um funcionamento cognitivo focado nessa dimensão temporal. Os índices de fiabilidade são satisfatórios para o *Passado Negativo* ( $\alpha = 0.58$ ), *Passado Positivo* ( $\alpha = 0.70$ ) e *Futuro* ( $\alpha = 0.75$ ) e reduzidos para o *Presente Hedonista* ( $\alpha = 0.37$ ) e *Presente Fatalista* ( $\alpha = 0.46$ ).

**Escala de Expectativas de Futuro en la Adolescencia (EEFA; Sánchez-Sandoval & Verdugo, 2016).** Instrumento de autorrelato que mede as expetativas para o futuro apresentadas pelos adolescentes. É composto por 14 itens avaliados através de uma escala de tipo *Likert* de 5 pontos variando de 1 (tenho a certeza de que não irá ocorrer) a 5 (tenho a certeza de que irá ocorrer). São avaliadas quatro dimensões fundamentais, nomeadamente as expetativas económicas (perspetivas de emprego e aquisição de recursos materiais), expetativas académicas (nível de estudo que se espera alcançar), expetativas de bem-estar pessoal (possibilidades de desenvolver relações sociais e questões relacionadas com a saúde e segurança) e expetativas familiares (possibilidade de formar uma família estável e ter filhos). Quanto maior a pontuação em cada uma das quatro dimensões fundamentais mais positivas as expetativas relativas a essas dimensões. Maior pontuação na escala total corresponde a expetativas mais positivas no geral. O questionário no global apresenta boa fiabilidade, sendo o alfa de *Cronbach* de 0.85. Foram verificados os índices de fiabilidade para cada dimensão, sendo  $\alpha = 0.69$  para as expetativas económicas,  $\alpha = 0.52$  para as expetativas académicas,  $\alpha = 0.85$  para as expetativas de bem-estar pessoal, e  $\alpha = 0.73$  para as expetativas familiares.

**Adolescent Risk-taking Questionnaire (ARQ; Gullone, Moore, Moss, & Boyd, 2000).**

O questionário é constituído por 2 partes: *Risk Behaviour Scale* e *Risk Judgements Scale*, sendo cada uma das escalas composta por 22 itens. A *Risk Behaviour Scale* é a escala que avalia a frequência com que os adolescentes se envolvem em comportamentos de risco e a *Risk Judgements Scale* avalia as percepções dos adolescentes do nível de risco presente em cada comportamento. Os itens são avaliados numa escala de tipo *Likert* de 5 pontos, que varia entre 0 e 4 pontos. Os comportamentos de risco podem ser organizados em quatro fatores, nomeadamente “*thrill seeking behaviors*” (por exemplo, andar de patins, lutas de taekwondo, esqui na neve), “*rebellious behaviors*” (por exemplo, fumar, consumir bebidas alcoólicas, consumir drogas), “*reckless behaviors*” (por exemplo, conduzir a alta velocidade, roubar carros e participar em corridas ilegais, ter relações sexuais desprotegidas) e “*antisocial behaviors*” (por exemplo, falar com estranhos, cheirar gás ou cola, comer em excesso). A pontuação total de comportamentos de risco e percepções de risco é obtida através da soma dos itens em cada escala. As duas escalas correlacionam-se positivamente e o questionário apresenta boa fiabilidade, sendo o alfa de *Cronbach* superior a 0.8.

Dado que não existe adaptação desta escala para a língua portuguesa, foi realizada uma adaptação e validação da mesma seguindo as orientações de adaptação e validação de instrumentos psicológicos de Borsa, Damásio e Bandeira (2012). De acordo com os objetivos do estudo de avaliar a frequência de envolvimento em comportamentos de risco foi apenas realizada uma adaptação da *Risk Behaviour Scale*. A primeira etapa do processo de adaptação e validação consistiu na tradução do instrumento por parte de uma professora de inglês e uma psicóloga fluente tanto no idioma Português como no Inglês. De seguida, foi realizada uma síntese das versões traduzidas na qual a investigadora juntamente com uma professora de inglês compararam as duas traduções item a item, com o objetivo de determinar qual seria a versão dos itens mais adequada à cultura portuguesa. Após esta etapa uma professora de inglês analisou a versão sintetizada realizando uma retroversão para a língua de origem do instrumento, o Inglês. Por fim, selecionaram-se 8 jovens do 8º ano de escolaridade, tendo em vista o estudo piloto do instrumento. Após este estudo piloto percebeu-se que o significado e grau de dificuldade dos itens do instrumento era adequado e que todas as instruções de preenchimento do instrumento eram perceptíveis (Borsa et al., 2012). Concluiu-se através do alfa de *Cronbach* que o instrumento adaptado apresenta boa fiabilidade ( $\alpha = 0.80$ ) e que os quatro fatores explicam 52.36% da variância total. Os índices de fiabilidade são satisfatórios para os comportamentos “*thrill seeking*” ( $\alpha = 0.60$ ), comportamentos “*rebellious*” ( $\alpha = 0.76$ ), comportamentos “*reckless*” ( $\alpha = 0.62$ ) e para os comportamentos “*antisocial*” ( $\alpha = 0.60$ ).

### **Procedimento**

O presente estudo foi submetido à apreciação da Comissão de Ética da Universidade do Minho, encontrando-se em anexo o respetivo parecer. Estabeleceu-se um contacto formal por *email* e por telefone com os Lares de Infância e Juventude do Distrito de Braga e Porto, com o objetivo de pedir autorização para realizar a recolha dos dados junto das suas instituições. Após obtidas as autorizações a investigadora deslocou-se pessoalmente a cada uma das instituições que aceitaram colaborar. Em primeiro lugar foi explicado aos jovens em que consistia a investigação. Posteriormente, aos jovens que concordaram em participar foi-lhes entregue os documentos de assentimento informado, em que se explicava o estudo, os objetivos pretendidos, métodos utilizados, os seus direitos enquanto participantes, eventuais benefícios ou riscos e a garantia da confidencialidade dos dados recolhidos. Depois de os jovens darem o seu assentimento escrito relativamente à participação voluntária no estudo, foram-lhes entregue os quatro questionários em formato papel sobre cada uma das variáveis de interesse no estudo, nomeadamente as expetativas, comportamentos de risco, perspetiva temporal e experiências adversas. O cabeçalho do primeiro questionário era dedicado a informações sociodemográficas: sexo, a idade e o nível de escolaridade. A aplicação dos questionários foi realizada numa sala disponibilizada por cada instituição, em contexto de grupo e num registo de autorrelato. O procedimento total decorreu apenas num único momento, não superior a 20 minutos. Os participantes tiveram oportunidade de colocar as suas questões e dúvidas no final da recolha, durante aproximadamente 5 minutos de *debriefing*. Por fim, foi dada uma recompensa a cada participante como forma de gratificação pela participação na investigação.

### **Procedimento de Análise de Dados**

O presente estudo é quantitativo, pelo que os dados recolhidos através dos questionários foram analisados recorrendo ao software *SPSS Statistics v.25*. Realizaram-se análises descritivas para explorar as variáveis em estudo, assim como foram verificados os pressupostos da distribuição normal das variáveis. Recorreu-se a testes paramétricos, nomeadamente Testes *T-Student*, para comparar as médias das variáveis entre os sexos e Testes de amostras emparelhadas comparando as médias para a amostra total. Testes não paramétricos *U de Mann-Whitney* e Testes de *Wilcoxon* também foram realizados para as variáveis que não cumpriram os pressupostos da normalidade. Além disso, procedeu-se à realização de testes de associação para o índice total de adversidade, pontuação total de comportamentos de risco e de expetativas e para cada dimensão da perspetiva temporal. Por fim, verificaram-se os pressupostos para a realização de uma regressão linear múltipla, considerando como variável dependente a frequência

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

de envolvimento em comportamentos de risco e como preditores as experiências de adversidade, expectativas e orientação futura.

### Resultados

#### Comportamentos de risco e experiências de adversidade

A pontuação total de comportamentos de risco dos jovens variou entre 7 e 49 ( $M = 21.02$ ,  $DP = 8.73$ ). Relativamente às diferenças entre os sexos, em média os participantes do sexo masculino envolveram-se em mais comportamentos de risco ( $M = 21.52$ ,  $DP = 10.56$ ) do que os participantes do sexo feminino ( $M = 20.63$ ,  $DP = 7.14$ ). Esta diferença não se mostrou estatisticamente significativa,  $t(55) = .38$ ,  $p = .705$ . Os jovens envolveram-se em média em mais comportamentos “antisocial” em comparação com comportamentos “thrill seeking”,  $z = -4.99$ ,  $p < .001$ , comportamentos “reckless”,  $z = -6.41$ ,  $p < .001$ , e comportamentos “rebellious”,  $t(56) = 3.35$ ,  $p < .01$ .

Dizendo respeito ao índice total de adversidade, os participantes apresentaram valores entre 0 e 9 ( $M = 3.26$ ,  $DP = 2.72$ ), verificando-se que 15.8% dos jovens não sofreram qualquer tipo de experiência adversa e que 19.3% dos adolescentes experienciaram uma categoria de adversidade ao longo da sua infância. Mais de metade da amostra (57.9%) foi vítima de cinco categorias de experiências adversas (Tabela 1). Os valores para o índice total de adversidade no sexo masculino ( $M = 3.44$ ,  $DP = 2.72$ ) não diferiu significativamente dos valores no sexo feminino ( $M = 3.13$ ,  $DP = 2.76$ ),  $U = 367.50$ ,  $z = -.53$ ,  $p = .598$ .

Tabela 1

*Índice total de adversidade dos jovens (N=57)*

Índice total de adversidade	%
0	15.8
1	19.3
2	10.5
3	17.5
4	8.8
5	1.8
6	7
7	10.5
8	5.3
9	3.5

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

De acordo com a Tabela 2, é possível concluir que as categorias de adversidade mais experienciadas pelos jovens foram o divórcio ou separação parental (52.6%), o abuso emocional (49.1%) e a exposição a violência doméstica (42.1%). A categoria de experiências de abuso sexual foi a menos experienciada (14%).

Tabela 2

*Categorias de experiências adversas reportadas pelos jovens (N=57)*

Categorias de experiências adversas	n	%
Abuso emocional	28	49.1
Abuso físico	21	36.8
Abuso sexual	8	14.0
Negligência emocional	22	38.6
Negligência física	16	28.1
Divórcio ou separação parental	30	52.6
Exposição a violência doméstica	24	42.1
Abuso de substâncias no ambiente familiar	16	28.1
Doença mental ou suicídio	11	19.3
Prisão de um membro da família	10	17.5

No que se refere à primeira hipótese e de acordo com a Tabela 3, verificou-se uma correlação positiva estatisticamente significativa entre o índice total de adversidade e a pontuação total de comportamentos de risco,  $r_s = .36$ ,  $p < .01$ . Também se verificou para os “*thrill seeking behaviors*”,  $r_s = .27$ ,  $p < .05$  e os “*antisocial behaviors*”,  $r_s = .43$ ,  $p < .01$  uma correlação positiva estatisticamente significativa com o índice total de adversidade.

Tabela 3

*Correlações de Spearman entre as variáveis risco e adversidade*

Variáveis	1	2	3	4	5	6
1. Índice total de adversidade	-					
2. Comportamentos de risco	.36**	-				
3. Comportamentos “ <i>thrill seeking</i> ”	.27*	.61**	-			
4. Comportamentos “ <i>rebellious</i> ”	.19	.81**	.26	-		
5. Comportamentos “ <i>reckless</i> ”	.11	.68**	.27*	.58*	-	
6. Comportamentos “ <i>antisocial</i> ”	.43**	.67**	.22	.36**	.20	-

\*  $p < .05$ , \*\*  $p < .01$

### **Preditores da frequência de envolvimento em comportamentos de risco: experiências adversas, expetativas e orientação futura**

Foi utilizada a análise de regressão múltipla hierárquica para verificar se as experiências adversas, as expetativas e a orientação para o futuro são predictoras do envolvimento dos jovens em comportamentos de risco. Resultaram três modelos que se encontram sistematizados na Tabela 4.

As experiências adversas foram introduzidas no primeiro modelo, dada a relação com o envolvimento em comportamentos de risco evidenciada na literatura. O modelo 1 foi significativo,  $F(1, 55) = 10.88$ ,  $p < .01$ , explicando 17 % da variância,  $R^2 = .17$  ( $R^2_{Aj} = .15$ ).

Nos modelos 2 e 3 introduziram-se as expetativas e a orientação futura, respetivamente. O modelo 2 explicou 30 % da variância,  $R^2 = .30$  ( $R^2_{Aj} = .27$ ), adicionando 13 % de variância ao primeiro modelo e mostrou-se significativo,  $F(2, 54) = 11,52$ ,  $p < .001$ . O modelo 3 foi significativo,  $F(3, 53) = 8.30$ ,  $p < .001$  e adicionou 2% de variância ao modelo anterior, explicando 32 % da variância,  $R^2 = .32$  ( $R^2_{Aj} = .28$ ). O envolvimento em comportamentos de risco foi predito pelas experiências adversas,  $\beta = .34$ ,  $t = 2.83$ ,  $p < .01$  e pelas expetativas,  $\beta = -.28$ ,  $t = -2.02$ ,  $p < .05$ . A orientação para o futuro não se mostrou um preditor significativo,  $\beta = -.17$ ,  $t = -1.27$ ,  $p = .211$ .

Tabela 4

*Análise de regressão múltipla hierárquica para predição do envolvimento em comportamentos de risco*

Preditores	$B$	Erro Padrão ( $B$ )	$\beta$	$\Delta R^2$
<b>Modelo 1</b>				
Experiências adversas	1.30	.40	.41**	.17**
<b>Modelo 2</b>				
Experiências adversas	.98	.38	.31*	
Expetativas	-5.70	1.77	-.38**	.13***
<b>Modelo 3</b>				
Experiências adversas	1.10	.39	.34**	
Expetativas	-4.25	2.10	-.28*	.02***
Orientação futura	-1.74	1.37	-.17	

\*  $p < .05$ , \*\*  $p < .01$ , \*\*\*  $p < .001$

Com base nos resultados da regressão hierárquica, explorou-se a possibilidade de as expetativas terem um efeito moderador na relação entre as experiências adversas e o envolvimento em comportamentos de risco. Como anteriormente a orientação futura não se revelou um preditor

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

significativo, não se considerou nesta fase da análise. Não foi encontrado um efeito de interação significativo das experiências adversas com as expectativas,  $\beta = -.12$ ,  $t = -1.16$ ,  $p = .873$ . Assim, relativamente à segunda hipótese, não se verificou um efeito moderador das expectativas e da orientação futura, na relação entre as experiências adversas e os comportamentos de risco.

### **Perspetiva temporal dos jovens em acolhimento**

Relativamente aos cinco fatores da perspetiva temporal verificaram-se para o presente hedonista valores entre 1.50 e 5 ( $M = 3.44$ ,  $DP = .63$ ), o passado negativo apresentou valores entre 1.43 e 4.57 ( $M = 3.41$ ,  $DP = .68$ ), valores compreendidos entre 1.40 e 5 para o futuro ( $M = 3.10$ ,  $DP = .86$ ), para o presente fatalista valores entre 1.20 e 4.40 ( $M = 2.85$ ,  $DP = .64$ ) e valores compreendidos entre 1 e 4.75 para o passado positivo ( $M = 2.88$ ,  $DP = .84$ ).

No que se refere à terceira hipótese, verificou-se que os jovens em média estavam mais orientados para o presente hedonista ( $M = 3.44$ ,  $DP = .63$ ) do que para o futuro ( $M = 3.10$ ,  $DP = .86$ ),  $t(56) = 2.85$ ,  $p < .01$  e mais orientados para o passado negativo ( $M = 3.41$ ,  $DP = .68$ ) do que para o passado positivo ( $M = 2.88$ ,  $DP = .84$ ),  $t(56) = 3.41$ ,  $p < .01$ .

Em relação às diferenças entre os sexos, as raparigas apresentaram médias mais elevadas do que os rapazes no presente hedonista, no passado negativo, na orientação para o futuro e no presente fatalista e os rapazes obtiveram médias mais elevadas no passado positivo (Tabela 6). Porém, as diferenças ao nível do sexo não se mostraram significativas para o presente hedonista,  $t(55) = -1.75$ ,  $p = .085$ ; passado negativo,  $t(55) = -1.61$ ,  $p = .112$ ; futuro,  $t(55) = -.54$ ,  $p = .594$ ; presente fatalista,  $t(55) = -1.10$ ,  $p = .278$  e passado positivo,  $t(55) = 1.47$ ,  $p = .148$ .

No que diz respeito às hipóteses de associação entre as dimensões da perspetiva temporal (presente hedonista, futuro e passado negativo) e o envolvimento em comportamentos de risco, verificou-se que a correlação positiva entre a orientação para o presente hedonista e a pontuação total de comportamentos de risco foi marginalmente significativa,  $r = .23$ ,  $p < .10$ ; confirmou-se uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a orientação futura e o envolvimento em comportamentos de risco,  $r = -.29$ ,  $p < .05$ ; verificou-se uma associação positiva estatisticamente significativa entre a orientação para o passado negativo e a pontuação total de comportamentos de risco,  $r = .40$ ,  $p < .01$  (Tabela 5).

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Tabela 5

*Correlações de Pearson entre as variáveis perspectiva temporal, expetativas e risco*

Variáveis	1	2	3	4	5
1. Presente hedonista	-				
2. Passado negativo	.30*	-			
3. Orientação futura	.30*	-.33*	-		
4. Expetativas	.32	-.30*	.50**	-	
5. Comportamentos de risco	.23 <sup>+</sup>	.40**	-.29*	-.46***	-

<sup>+</sup> p < .10, \* p < .05, \*\* p < .01, \*\*\* p < .001

### **Expetativas dos jovens em acolhimento**

Os jovens apresentaram uma pontuação total de expetativas entre 2.21 e 4.86 ( $M = 4.01$ ,  $DP = .58$ ). A pontuação de expetativas familiares variou entre 1 e 5 ( $M = 3.89$ ,  $DP = .83$ ), das expetativas económicas entre 3 e 5 ( $M = 4.07$ ,  $DP = .61$ ), as expetativas académicas entre 1.67 e 5 ( $M = 3.90$ ,  $DP = .79$ ) e as expetativas de bem-estar pessoal variaram entre 1 e 5 ( $M = 4.12$ ,  $DP = .83$ ).

No que se refere à quarta hipótese, os adolescentes em média apresentaram expetativas de bem-estar pessoal mais positivas do que expetativas familiares,  $z = -3.07$ ,  $p < .01$  e do que expetativas académicas,  $z = -1.96$ ,  $p < .10$ , sendo este último resultado marginalmente significativo.

Relativamente às diferenças entre os sexos, verificou-se que as raparigas apresentaram expetativas mais positivas ( $M = 4.06$ ,  $DP = .56$ ) do que os rapazes ( $M = 3.95$ ,  $DP = .61$ ). Esta diferença não se revelou estatisticamente significativa,  $t(55) = -.69$ ,  $p = .495$ . Os participantes do sexo feminino exibiram expetativas familiares, de bem-estar pessoal e académicas superiores às do sexo masculino, por sua vez o sexo masculino apresentou expetativas económicas mais positivas do que o sexo feminino (Tabela 6). No entanto, as diferenças não se revelaram significativas para as expetativas familiares ( $U = 351$ ,  $z = -.80$ ,  $p = .425$ ), de bem-estar pessoal ( $U = 310$ ,  $z = -1.48$ ,  $p = .140$ ), académicas ( $U = 351$ ,  $z = -.80$ ,  $p = .422$ ) e económicas ( $U = 329.50$ ,  $z = -1.14$ ,  $p = .254$ ).

No que refere à última hipótese, verificou-se entre a pontuação total de expetativas e a pontuação total de comportamentos de risco uma correlação negativa estatisticamente significativa,  $r = -.46$ ,  $p < .001$  (Tabela 5).

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Tabela 6

*Testes T-Student e Mann-Whitney para as variáveis perspectiva temporal e expetativas em função do sexo*

Variáveis	Sexo	
	Masculino	Feminino
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Presente hedonista	3.28 (.75)	3.57 (.50)
Passado negativo	3.25 (.77)	3.54 (.58)
Futuro	3.03 (.87)	3.16 (.87)
Presente fatalista	2.74 (.75)	2.93 (.54)
Passado positivo	3.06 (.94)	2.73 (.73)
Expetativas económicas	4.18 (.59)	3.99 (.62)
Expetativas académicas	3.73 (.98)	4.03 (.59)
Expetativas de bem-estar pessoal	3.96 (.89)	4.25 (.78)
Expetativas familiares	3.77 (.89)	3.99 (.78)

### Discussão

No presente estudo procuramos averiguar o papel que a perspectiva temporal, particularmente a orientação para o futuro e as expetativas desempenham na relação já evidenciada na literatura (Brown & Shillington, 2017; Garrido et al., 2018) entre as experiências passadas dos adolescentes em acolhimento, caracterizadas por adversidade, e o envolvimento em comportamentos de risco. Verificou-se, de acordo com a literatura referente aos jovens em regime de acolhimento (Brown & Shillington, 2017; Garrido et al., 2018) que experienciar mais categorias de experiências adversas se relaciona com maior frequência de envolvimento dos jovens em comportamentos de risco, suportando a primeira hipótese. Contudo, a dimensão futura da perspectiva temporal e as expetativas não constituem variáveis moderadoras na relação entre as experiências adversas e os comportamentos de risco, não se verificando a segunda hipótese. Uma explicação possível para este resultado é o facto de os jovens estarem significativamente mais orientados para o presente hedonista do que para o futuro, não sendo possível verificar o papel preditor da orientação futura.

Procurou-se também perceber se os jovens em acolhimento possuem uma orientação preferencial para uma ou mais dimensões temporais (passado, presente e futuro), sendo que se verificou uma orientação predominante para o presente hedonista em comparação com a dimensão futura, e para

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

o passado negativo em detrimento do passado positivo, fornecendo apoio à terceira hipótese. Os resultados estão em consonância com a literatura (Morsanyi & Fogarasi, 2014) e contribuem para a consolidação do conhecimento acerca da perspectiva temporal dos jovens portugueses em regime de acolhimento, já que na investigação de Lima (2013) não foram verificados resultados significativos no que respeita à atenção dada pelos sujeitos aos diferentes momentos temporais.

Ao analisar a relação entre cada dimensão da perspectiva temporal e o envolvimento em comportamentos de risco, verificou-se que os adolescentes mais orientados para o futuro têm menor envolvimento em comportamentos de risco, suportando a sexta hipótese e corroborando o estudo de Melkman (2015). Além disto, verificou-se que os adolescentes mais orientados para o passado negativo se envolvem em mais comportamentos de risco, apoiando a sétima hipótese. Dado que o passado negativo está relacionado com sentimentos de ansiedade e depressão (Zimbardo & Boyd, 1999), e visto que nos jovens em acolhimento esses sentimentos associam-se a maior envolvimento em comportamentos de risco, como o abuso de substâncias (Stevens, Brice, Ale, & Morris, 2011), este tipo de comportamentos pode constituir uma estratégia destes jovens para lidarem com os estados de humor negativos associados à dimensão do passado negativo (Chavarria, Allan, Moltisanti, & Taylor, 2015) e conseqüentemente às experiências negativas e de adversidade passadas. Em consonância com o que está documentado na literatura (Hall et al., 2004; Henson et al., 2006; Wills et al., 2001), verificou-se em relação à quinta hipótese, que os adolescentes mais orientados para o presente hedonista se envolvem em mais comportamentos de risco, contudo este resultado revelou-se apenas marginalmente significativo.

Ao explorar o tipo de expetativas predominantes nestes jovens, de entre as expetativas académicas, económicas, familiares e de bem-estar pessoal, verificou-se que as suas expetativas positivas de bem-estar ultrapassam as expetativas familiares e as expetativas académicas, apoiando a quarta hipótese. Estes resultados estão de acordo com as investigações com adolescentes em risco, onde se demonstra que os mesmos possuem mais expetativas de bem-estar, especificamente de serem respeitados pela comunidade, receberem apoio dos amigos, e ainda relacionadas com a saúde futura (Zappe, Moura, Dell'Aglio, & Sarriera, 2013), e que as expetativas de trabalho e educação futura são as menos evidenciadas (Raffaelli & Koller, 2005). A literatura refere que as experiências de adversidade ocorridas ao longo da infância contribuem para a criação de expetativas menos positivas nos jovens em risco (Thompson et al., 2012), particularmente expetativas menores de sucesso académico e ocupacional (Thompson et al., 2012). Do mesmo modo, possuir menos expetativas académicas relaciona-se com o menor desempenho académico nos jovens e fracos resultados ocupacionais a curto prazo, podendo

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

verificar-se posteriormente na vida adulta consequências negativas como dificuldades económicas (Southerland, Casanueva, & Ringeisen, 2009).

Além disto, ao tentar compreender a relação entre as expectativas e os comportamentos de risco, verificou-se que possuir expectativas mais positivas associa-se significativamente com o menor envolvimento dos jovens em comportamentos de risco, corroborando a última hipótese. Embora não existam estudos que analisem a associação entre as expectativas e os comportamentos de risco recorrendo a amostras de adolescentes em regime de acolhimento, os resultados obtidos para a última hipótese vão ao encontro da literatura com adolescentes de contextos normativos (Clinkinbeard, 2014; Robbins & Bryan, 2004; Knight et al., 2017; Sipsma et al., 2015).

A presente investigação não está desprovida de limitações. A primeira a ser apontada resulta do processo de recolha de dados, nomeadamente a dimensão da amostra e a forma de administração dos questionários em contexto de grupo, não sendo possível controlar a influência de estímulos distratores entre os jovens. Também o facto de se ter recorrido a um desenho de investigação transversal impossibilita retirar conclusões causais, assim como estabelecer uma relação temporal entre as variáveis. Para terminar, já que a literatura refere que os adolescentes menos orientados para o futuro tendem a exibir um comportamento mais impulsivo procurando a gratificação imediata pelas suas ações (Gouveia-Pereira, Gomes, Roncon, & Mendonça, 2017), este estudo deveria ter incluído uma medida de controlo da impulsividade dos jovens, verificando se poderia influenciar a relação da orientação futura com o envolvimento em comportamentos de risco.

Assim, para investigações futuras é importante ultrapassar as limitações apontadas de forma a compreender se a orientação futura e os aspetos motivacionais inerentes à mesma, nomeadamente as expectativas podem constituir um fator protetor, atenuando o efeito das experiências adversas no envolvimento em comportamentos de risco. Sugere-se ainda a possibilidade de estudar os mesmos participantes recorrendo a um desenho longitudinal, de forma a perceber como é que o perfil temporal e as expectativas destes adolescentes se refletem no seu comportamento ao longo do desenvolvimento, especialmente na transição para a vida adulta. Além disto, futuramente seria relevante compreender a importância que os jovens atribuem a cada expectativa, ou seja, analisar as suas aspirações futuras. Por fim, seria importante analisar o contributo específico das outras dimensões da perspetiva temporal na relação entre as experiências adversas e os comportamentos de risco, já que estas experiências podem potenciar um padrão mal adaptativo relativamente à perspetiva temporal, pelo que a forma como os jovens valorizam e interpretam as diferentes dimensões temporais pode ser enviesada negativamente pelo seu passado adverso.

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Dado que os jovens em acolhimento residencial se envolvem com maior intensidade e frequência em comportamentos de risco do que os pares que vivem em contextos normativos (Fettes et al., 2013; Grogan-Kaylor et al., 2008), é importante implementar nas instituições de acolhimento programas de prevenção para os seus comportamentos de risco, reduzindo o impacto negativo dos mesmos e promovendo o desenvolvimento adequado e positivo dos jovens. Assim, apesar de nesta investigação não se ter verificado a orientação futura e expectativas como fatores moderadores na relação entre as experiências adversas e o envolvimento em comportamentos de risco, a orientação para o futuro é descrita na literatura como um fator importante para o desenvolvimento normativo dos jovens (Gouveia-Pereira et al., 2017), com implicações cruciais ao nível comportamental (Boniwell & Zimbardo, 2004). Desta forma, em estudos futuros seria importante investigar o papel de alguns fatores positivos do contexto social de desenvolvimento destes jovens, nomeadamente as percepções de segurança, disponibilidade e suporte social do contexto envolvente, relacionados com o poder preditivo da orientação futura (Kruger, Reischl, & Zimmerman, 2008), podendo ser considerados posteriormente nas intervenções para a prevenção do comportamento de risco.

Não obstante às limitações apontadas, o presente estudo contribui para uma melhor compreensão de como as expectativas e a perspetiva temporal podem ser incluídas nos programas de intervenção com jovens em acolhimento residencial. Assim, dado que os resultados mostram que os jovens apresentam menos expectativas académicas e familiares, a intervenção deve incentivar a fomentação de expectativas académicas mais positivas, para que estes jovens em risco se envolvam ativamente e obtenham bons resultados no domínio académico, e assim possam ser utilizadas com vista à melhoria dos resultados comportamentais negativos desta população vulnerável. Além disso, devem promover o desenvolvimento de expectativas de uma vida familiar bem-sucedida, para que o padrão disfuncional de relações familiares, decorrente das experiências adversas integradas no contexto familiar, não seja reproduzido nas relações pessoais futuras. Do mesmo modo, visto que os resultados revelam uma associação negativa entre a orientação dos jovens para o futuro e o envolvimento em comportamentos de risco, os jovens podem beneficiar de intervenções que promovam o desenvolvimento de um sentido de congruência entre os objetivos para o futuro e as suas escolhas comportamentais no presente.

### Referências

- Barnett, E., Spruijt-Metz, D., Unger, J. B., Rohrbach, L. A., Sun, P., & Sussman, S. (2013). Bidirectional associations between future time perspective and substance use among continuation high-school students. *Substance Use & Misuse, 48*(8), 574-580. doi:10.3109/10826084.2013.787092
- Birnbaum, A. S., Lytle, L. A., Hannan, P. J., Murray, D. M., Perry, C. L., & Forster, J. L. (2003). School functioning and violent behavior among young adolescents: A contextual analysis. *Health Education Research, 18*(3), 389-403. doi:10.1093/her/cyf036
- Boniwell, I., & Zimbardo, P. G. (2004). Balancing time perspective in pursuit of optimal functioning. In P. A. Linley & S. Joseph (Eds.), *Positive psychology in practice* (pp. 165-178). Hoboken, NJ: Wiley.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Cross-cultural adaptation and validation of psychological instruments: Some considerations. *Paidéia, 22*(53), 423-432. doi:10.1590/S0103-863X2012000300014
- Brown, S. M., & Shillington, A. M. (2017). Childhood adversity and the risk of substance use and delinquency: The role of protective adult relationships. *Child Abuse & Neglect, 63*, 211-221. doi:10.1016/j.chiabu.2016.11.006
- Catalano, R. F., Berglund, M. L., Ryan, J. A., Lonczak, H. S., & Hawkins, J. D. (2004). Positive youth development in the United States: Research findings on evaluations of positive youth development programs. *Annals of the American Academy of Political and Social Science, 591*(1), 98-124. doi:10.1177/0002716203260102
- Chavarria, J., Allan, N. P., Moltisanti, A., & Taylor, J. (2015). The effects of present hedonistic time perspective and past negative time perspective on substance use consequences. *Drug and Alcohol Dependence, 152*, 39-46. doi:10.1016/j.drugalcdep.2015.04.027
- Chen, P., & Vazsonyi, A. T. (2011). Future orientation, impulsivity, and problem behaviors: A longitudinal moderation model. *Developmental Psychology, 47*(6), 1633-1645. doi:10.1037/a0025327
- Clinkinbeard, S. S. (2014). What lies ahead: An exploration of future orientation, self-control, and delinquency. *Criminal Justice Review, 39*(1), 19-36. doi:10.1177/0734016813501193
- Dahl, R. E. (2004). Adolescent brain development: A period of vulnerabilities and opportunities. Keynote address. *Annals of the New York Academy of Sciences, 1021*(1), 1-22. doi:10.1196/annals.1308.001
- Direção-Geral da Saúde (2018). *Saúde Infantil e Juvenil - Portugal*. Lisboa: DGS.
- Dube, S. R., Felitti, V. J., Dong, M., Chapman, D. P., Giles, W. H., & Anda, R. F. (2003). Childhood abuse, neglect, and household dysfunction and the risk of illicit drug use: The adverse childhood

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

- experiences study. *Pediatrics*, *111*(3), 564-572. doi:10.1542/peds.111.3.564
- Engels, R. C. M. E., Scholte, R. H. J., van Lieshout, C. F. M., de Kemp, R., & Overbeek, G. (2006). Peer group reputation and smoking and alcohol consumption in early adolescence. *Addictive Behaviors*, *31*(3), 440-449. doi:10.1016/j.addbeh.2005.05.026
- Éthier, L. S., Lemelin, J. P., & Lacharité, C. (2004). A longitudinal study of the effects of chronic maltreatment on children's behavioral and emotional problems. *Child Abuse & Neglect*, *28*(12), 1265-1278. doi:10.1016/j.chiabu.2004.07.006
- Fang, X., & Corso, P. S. (2007). Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence: Developmental relationships. *American Journal of Preventive Medicine*, *33*(4), 281-290. doi:10.1016/j.amepre.2007.06.003
- Feijó, R. B., & Oliveira, É. A. D. (2001). Comportamento de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria*, *77*(2), S125-S134.
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) study. *American Journal of Preventive Medicine*, *14*(4), 245-258. doi:10.1016/S0749-3797(98)00017-8
- Fettes, D. L., Aarons, G. A., & Green, A. E. (2013). Higher rates of adolescent substance use in child welfare versus community populations in the United States. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, *74*(6), 825-834. doi:10.15288/jsad.2013.74.825
- Galvan, A., Hare, T., Voss, H., Glover, G., & Casey, B. J. (2007). Risk-taking and the adolescent brain: Who is at risk? *Developmental Science*, *10*(2), F8-F14. doi:10.1111/j.1467-7687.2006.00579.x
- Garrido, E. F., Weiler, L. M., & Taussig, H. N. (2018). Adverse childhood experiences and health-risk behaviors in vulnerable early adolescents. *The Journal of Early Adolescence*, *38*(5), 661-680. doi:10.1177/0272431616687671
- Gouveia-Pereira, M., Gomes, H. M., Roncon, F., & Mendonça, R. (2017). Impulsivity mediates the relationship between future orientation and juvenile deviancy. *Deviant Behavior*, *38*(1), 34-46. doi:10.1080/01639625.2016.1190591
- Grogan-Kaylor, A., Ruffolo, M. C., Ortega, R. M., & Clarke, J. (2008). Behaviors of youth involved in the child welfare system. *Child Abuse & Neglect*, *32*(1), 35-49. doi:10.1016/j.chiabu.2007.09.004
- Gullone, E., Moore, S., Moss, S., & Boyd, C. (2000). The adolescent risk-taking questionnaire: Development and psychometric evaluation. *Journal of Adolescent Research*, *15*(2), 231-250. doi:10.1177/0743558400152003

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

- Hall, P.A., Holmqvist, M. & Sherry, S.B. (2004). Risky adolescent sexual behavior: A psychological perspective for primary care clinicians. *Topics in Advanced Practice Nursing e-Journal*, 4(1), 1-6.
- Henson, J. M., Carey, M. P., Carey, K. B., & Maisto, S. A. (2006). Associations among health behaviors and time perspective in young adults: Model testing with boot-strapping replication. *Journal of Behavioral Medicine*, 29(2), 127-137. doi:10.1007/s10865-005-9027-2
- Hillis, S. D., Anda, R. F., Felitti, V. J., Nordenberg, D., & Marchbanks, P. A. (2000). Adverse childhood experiences and sexually transmitted diseases in men and women: A retrospective study. *Pediatrics*, 106(1), E11. doi:10.1542/peds.106.1.e11
- Instituto da Segurança Social (2018). *CASA 2017 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: ISS.
- Irwin Jr, C. E., Burg, S. J., & Cart, C. U. (2002). America's adolescents: Where have we been, where are we going? *Journal of Adolescent Health*, 31(6), 91-121.
- Kann, L., Kinchen, S., Shanklin, S., Flint, K., Hawkins, J., Harris, W., et al. (2014). Youth risk behavior surveillance - United States, 2013. *Morbidity and Mortality Weekly Report: Surveillance Summaries*, 63(4), 1-168.
- Kinard, B. R., & Webster, C. (2010). The Effects of Advertising, Social Influences, and Self-Efficacy on Adolescent Tobacco Use and Alcohol Consumption. *Journal of Consumer Affairs*, 44(1), 24-43. doi:10.1111/j.1745-6606.2010.01156.x
- Knight, K. E., Ellis, C., Roark, J., Henry, K. L., & Huizinga, D. (2017). Testing the role of aspirations, future expectations, and strain on the development of problem behaviors across young and middle adulthood. *Deviant Behavior*, 38(12), 1456-1473. doi:10.1080/01639625.2016.1206716
- Kruger, D. J., Reischl, T., & Zimmerman, M. A. (2008). Time perspective as a mechanism for functional developmental adaptation. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 2(1), 1-22. doi:10.1037/h0099336
- Laghi, F., D'Alessio, M., Pallini, S., & Baiocco, R. (2009). Attachment representations and time perspective in adolescence. *Social Indicators Research*, 90(2), 181-194. doi:10.1007/s11205-008-9249-0
- Laghi, F., Liga, F., Baumgartner, E., & Baiocco, R. (2012). Time perspective and psychosocial positive functioning among Italian adolescents who binge eat and drink. *Journal of Adolescence*, 35(5), 1277-1284. doi:10.1016/j.adolescence.2012.04.014
- Lens, W., Paixão, M. P., Herrera, D., & Grobler, A. (2012). Future time perspective as a motivational variable: Content and extension of future goals affect the quantity and quality of motivation. *Japanese Psychological Research*, 54(3), 321-333. doi:10.1111/j.1468-5884.2012.00520.x

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

- Leslie, L. K., James, S., Monn, A., Kauten, M. C., Zhang, J., & Aarons, G. (2010). Health-risk behaviors in young adolescents in the child welfare system. *Journal of Adolescent Health, 47*(1), 26-34. doi:10.1016/j.jadohealth.2009.12.032
- Lima, L. N. (2013). Temporal orientation and future time perspective of adolescents in institutional care. In M. P. Paixão, J. T. da Silva, V. Ortuño & P. Cordeiro (Eds.), *International studies in time perspective* (pp. 33-49). Coimbra: University of Coimbra Press. doi:10.14195/978-989-26-0775-7\_4
- Maclean, M. J., Sims, S., O'Donnell, M., & Gilbert, R. (2016). Out-of-home care versus in-home care for children who have been maltreated: A systematic review of health and wellbeing outcomes. *Child Abuse Review, 25*(4), 251-272. doi:10.1002/car.2437
- Mahler, A., Simmons, C., Frick, P. J., Steinberg, L., & Cauffman, E. (2017). Aspirations, expectations and delinquency: The moderating effect of impulse control. *Journal of Youth and Adolescence, 46*(7), 1503-1514. doi:10.1007/s10964-017-0661-0
- McCormick, E. M., Qu, Y., & Telzer, E. H. (2016). Adolescent neurodevelopment of cognitive control and risk-taking in negative family contexts. *NeuroImage, 124*, 989-996. doi:10.1016/j.neuroimage.2015.09.063
- McWhirter, E. H., & McWhirter, B. T. (2008). Adolescent future expectations of work, education, family, and community development of a new measure. *Youth & Society, 40*(2), 182-202. doi:10.1177/0044118X08314257
- Melkman, E. (2015). Risk and protective factors for problem behaviors among youth in residential care. *Children and Youth Services Review, 51*, 117-124. doi:10.1016/j.childyouth.2015.02.004
- Morsanyi, K., & Fogarasi, E. (2014). Thinking about the past, present and future in adolescents growing up in Children's Homes. *Journal of Adolescence, 37*(7), 1043-1056. doi:10.1016/j.adolescence.2014.07.011
- Oettingen, G., & Mayer, D. (2002). The motivating function of thinking about the future: Expectations versus fantasies. *Journal of Personality and Social Psychology, 83*(5), 1198-1212. doi:10.1037//0022-3514.83.5.1198
- Ortuño, V., & Gamboa, V. (2009). Estrutura factorial do Zimbardo Time Perspective Inventory - ZTPI numa amostra de estudantes universitários portugueses. *Avances en Psicología Latinoamericana, 27*(1), 21-32.
- Ortuño, V., Janeiro, I., Cordeiro, P., Paixão, M. P., & Gamboa, V. (2017). Inventário de Perspetiva Temporal de Zimbardo (IPTZ). In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Coords.), *Adaptação,*

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

*Desenvolvimento e Sucesso Acadêmico dos Estudantes do Ensino Superior: Instrumentos de Avaliação.* Braga: Associação para o Desenvolvimento da Investigação em Psicologia da Educação. doi:10.13140/RG.2.1.1602.0008

- Pinto, R. J., & Maia, Â. C. (2013). Psychopathology, physical complaints and health risk behaviors among youths who were victims of childhood maltreatment: A comparison between home and institutional interventions. *Children and Youth Services Review, 35*(4), 603-610. doi:10.1016/j.childyouth.2013.01.008
- Prince, D. M., Epstein, M., Nurius, P. S., King, K., Gorman-Smith, D., & Henry, D. B. (2016). Assessing future expectations of low-income minority young men: Survival-threats and positive expectations. *Journal of Child and Family Studies, 25*(7), 2089-2101. doi:10.1007/s10826-016-0384-y
- Raffaelli, M., & Koller, S. H. (2005). Future expectations of Brazilian street youth. *Journal of Adolescence, 28*(2), 249-262. doi:10.1016/j.adolescence.2005.02.007
- Robbins, R. N., & Bryan, A. (2004). Relationships between future orientation, impulsive sensation seeking, and risk behavior among adjudicated adolescents. *Journal of Adolescent Research, 19*(4), 428-445. doi:10.1177/0743558403258860
- Rodgers, C. S., Lang, A. J., Laffaye, C., Satz, L. E., Dresselhaus, T. R., & Stein, M. B. (2004). The impact of individual forms of childhood maltreatment on health behavior. *Child Abuse & Neglect, 28*(5), 575-586. doi:10.1016/j.chiabu.2004.01.002
- Rothman, E. F., Bernstein, J., & Strunin, L. (2010). Why might adverse childhood experiences lead to underage drinking among US youth? Findings from an emergency department-based qualitative pilot study. *Substance Use & Misuse, 45*(13), 2281-2290. doi:10.3109/10826084.2010.482369
- Sánchez-Sandoval, Y., & Verdugo, L. (2016). Desarrollo y validación de la Escala de Expectativas de Futuro en la Adolescencia (EEFA). *Anales de Psicología, 32*(2), 545-554. doi:10.6018/analesps.32.2.205661
- Silva, S., & Maia, Â. (2008). Versão Portuguesa do Family ACE Questionnaire. In A. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins & V. Ramalho (Coords.), *Actas da XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Sipsma, H. L., Ickovics, J. R., Lin, H., & Kershaw, T. S. (2012). Future expectations among adolescents: A latent class analysis. *American Journal of Community Psychology, 50*(1-2), 169-181. doi:10.1007/s10464-011-9487-1
- Sipsma, H. L., Ickovics, J. R., Lin, H., & Kershaw, T. S. (2015). The impact of future expectations on adolescent sexual risk behavior. *Journal of Youth and Adolescence, 44*(1), 170-183.

doi:10.1007/s10964-013-0082-7

- Southerland, D., Casanueva, C. E., & Ringeisen, H. (2009). Young adult outcomes and mental health problems among transition age youth investigated for maltreatment during adolescence. *Children and Youth Services Review, 31*(9), 947-956. doi:10.1016/j.childyouth.2009.03.010
- Spijkerman, R., Van den Eijnden, R. J. J. M., Overbeek, G., & Engels, R. C. M. E. (2007). The impact of peer and parental norms and behavior on adolescent drinking: The role of drinker prototypes. *Psychology and Health, 22*(1), 7-29. doi:10.1080/14768320500537688
- Stambaugh, L. F., Ringeisen, H., Casanueva, C. C., Tueller, S., Smith, K. E., & Dolan, M. (2013). *Adverse childhood experiences in NSCAW*. Washington, DC: Office of Planning, Research and Evaluation, Administration for Children and Families, U.S. Department of Health and Human Services.
- Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology, 52*(1), 83-110.
- Stevens, S. B., Brice, C. S., Ale, C. M., & Morris, T. L. (2011). Examining depression, anxiety, and foster care placement as predictors of substance use and sexual activity in adolescents. *Journal of Social Service Research, 37*(5), 539-554. doi:10.1080/01488376.2011.608338
- Stoddard, S. A., Zimmerman, M. A., & Bauermeister, J. A. (2011). Thinking about the future as a way to succeed in the present: A longitudinal study of future orientation and violent behaviors among African American youth. *American Journal of Community Psychology, 48*, 238-246. doi:10.1007/s10464-010-9383-0
- Strine, T. W., Dube, S. R., Edwards, V. J., Prehn, A. W., Rasmussen, S., Wagenfeld, M., et al. (2012). Associations between adverse childhood experiences, psychological distress, and adult alcohol problems. *American Journal of Health Behavior, 36*(3), 408-423. doi:10.5993/AJHB.36.3.11
- Taussig, H. N. (2002). Risk behaviors in maltreated youth placed in foster care: A longitudinal study of protective and vulnerability factors. *Child Abuse & Neglect, 26*(11), 1179-1199.
- Telzer, E. H., Gonzales, N., & Fuligni, A. J. (2014). Family obligation values and family assistance behaviors: Protective and risk factors for Mexican–American adolescents' substance use. *Journal of Youth and Adolescence, 43*(2), 270-283. doi:10.1007/s10964-013-9941-5
- Thompson, R., Wiley, T. R., Lewis, T., English, D. J., Dubowitz, H., Litrownik, A. J., Isbell, P., & Block, S. (2012). Links between traumatic experiences and expectations about the future in high risk youth. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 4*(3), 293-302. doi:10.1037/a0023867
- Wills, T.A., Sandy, J.M., & Yaeger, A.M. (2001). Time perspective and early-onset substance use: A model

## EXPERIÊNCIAS ADVERSAS E COMPORTAMENTOS DE RISCO

based on stress-coping theory. *Psychology of Addictive Behaviours*, 15(2), 118-125.

Zappe, J. G., Moura Jr, J. F., Dell'Aglio, D. D., & Sarriera, J. C. (2013). Expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos. *Acta Colombiana de Psicología*, 16(1), 91-100.

Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Putting time in perspective: A valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(6), 1271-1288. doi:10.1037/0022-3514.77.6.1271

Zuckerman, M. (2007). *Sensation seeking and risky behavior*. Washington, DC: American Psychological Association.

**Anexo**

Parecer do Conselho de Ética da Universidade do Minho



Universidade do Minho  
Conselho de Ética

**Conselho de Ética - Ciências Sociais e Humanas**

Identificação do documento: CE.CSH 090/2018

Título do projeto: *Experiências adversas e comportamentos de risco: o papel da perspetiva temporal e expetativas*

Investigador(a) Responsável: Elsa Maria Lopes Rodrigues, aluna do **Mestrado Integrado em Psicologia Aplicada da Universidade do Minho**; Professora Doutora Paula Cristina Marques Martins (Orientadora), Professora Auxiliar do Departamento de Psicologia Aplicada, Escola de Psicologia da Universidade do Minho

**PARECER**

O Conselho de Ética analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Experiências adversas e comportamentos de risco: o papel da perspetiva temporal e expetativas*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, o Conselho de Ética nada tem a opor à realização do projeto, emitindo o seu parecer favorável.

Braga, 29 de março de 2019.

A Presidente do CEUMinho

Assinado por : GRACIETTE TAVARES DIAS  
Num. de Identificação Civil: B1071230157  
Data: 2019.04.09 12:08:29 Hora de Verão de GMT



**Anexo:** Formulário de identificação e caracterização do projeto